

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ANA CAROLINA APARECIDA MARQUES SOAREZ

Aspectos argumentativos em redações pré-vestibulares



ARARAQUARA – S.P.

2011

ANA CAROLINA APARECIDA MARQUES SOAREZ

Aspectos argumentativos em redações pré-vestibulares

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Cortina

ARARAQUARA – S.P.
2011

Soarez, Ana Carolina Aparecida Marques
Aspectos argumentativos em redações pré-vestibulares / Ana
Carolina Aparecida Marques Soarez. – 2011
25 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara
Orientador: Arnaldo Cortina

1. Análise do discurso. 2. Redação. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao criador de toda vida pela oportunidade de um novo dia.

À minha família, que com tanto esforço me apoiou nesta etapa importante da minha formação.

A meus amigos e irmãos do Ministério Universidades Renovadas de Araraquara.

A meu orientador, Arnaldo Cortina, pela disposição em me ajudar.

SUMÁRIO

Introdução	1
1. Alguns aspectos teóricos	2
1.1 Argumentação e linguagem	2
2. Tipos de Argumentos e Operadores Argumentativos	5
2.1 Argumentos	5
2.1.1 Operadores argumentativos	8
2.1.2 Operadores do tipo lógico	8
2.1.3 Operadores temporais	13
3. Análise do <i>corpus</i> e justificativa	14
3.1 Teses de adesão inicial	15
3.1.2 Técnicas argumentativas	19
4. Conclusão	24
5. Referências	25

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar as principais questões relacionadas à argumentação em textos escritos. Para isso, faremos a análise das redações de alunos matriculados em um curso pré-vestibular da UNESP, o CUCA, unidade de Araraquara.

Pretendemos identificar nessas redações, principalmente os elementos relacionados diretamente com a capacidade dos alunos em expor suas idéias, analisando de que modo se dá a organização do texto, e atentando-nos também para operadores argumentativos estudados por KOCH. Nesse sentido, verificaremos se há ou não a utilização desses elementos, e de que maneira eles auxiliam para a elaboração de uma argumentação clara e eficiente. Além disso, faremos um levantamento das principais técnicas argumentativas presentes nesses textos, baseando-nos principalmente, nas definições de PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA.

Palavras-chave: Argumentação. Operadores Argumentativos. Pré-Vestibular. Análise.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo identificar las principales cuestiones relacionadas a la argumentación en textos escritos. Para esto, haremos el análisis de las redacciones de alumnos matriculados en un curso pré-vestibular de UNESP, el CUCA, unidad de Araraquara.

Pretendemos identificar en esas redacciones, principalmente los elementos relacionados directamente a la capacidad de los alumnos en exponer sus ideas, analizando de que modo el texto está organizado y poniendo atención también en los operadores argumentativos estudiados por KOCH. Así haremos la verificación de la utilización o no de esos elementos y de que manera ellos ayudan en la elaboración de una argumentación clara y eficiente. Además de eso haremos un levantamiento de las principales técnicas argumentativas presentes en esos textos basándonos principalmente, en las definiciones de PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA.

Palabras-clave: Argumentación. Operadores Argumentativos. Pré-Vestibular. Análisis.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como pressuposto teórico os estudos advindos do desenvolvimento da lingüística do texto, ou lingüística textual, bem como os aspectos relacionados à argumentação e seus operadores no texto.

Para delimitarmos nosso campo teórico, iniciaremos com algumas considerações sobre a Lingüística Textual. Este nome refere-se a um ramo da lingüística que surgiu na década de 1960 na Europa, tendo como preocupação inicial a descrição dos fenômenos sintático-semânticos entre os enunciados, foi a chamada “análise transfrástica”.

A partir da década de 70, contudo, o olhar dos estudiosos da língua começou a modificar-se e as “gramáticas do texto” passaram a ter relevo nos estudos no nosso país, pois queriam compreender a totalidade do enunciado, e não somente os aspectos isolados como acontecia até então. Apesar disso, foi somente nos anos posteriores a 1980 que as teorias do texto ganharam destaque. A partir daí surgiram muitas vertentes de estudos e diferentes representantes.

Esse mesmo fato aconteceu no Brasil em relação à lingüística textual, porque foi somente na década de 1980 que começaram a ser publicados por aqui textos dedicados ao estudo do texto. Para seu desenvolvimento em nosso país, essa nova área do conhecimento contou com contribuição de estudos realizados na Alemanha, na França e na Inglaterra (especialmente por Halliday & Hasan).

Nesse panorama, os estudos de Ingedore Villaça Koch são muito importantes para o desenvolvimento dessa perspectiva dos estudos literários no Brasil, principalmente com obras sobre coesão, coerência, introdução à lingüística textual e sobre a relação entre argumentação e linguagem.

Os estudos nessa área expandiram-se e diferentes aspectos começaram ser pesquisados, como os gêneros textuais, as contribuições da lingüística textual para o ensino de língua materna ou estrangeira, para a alfabetização e aquisição da escrita. Entre esses pesquisadores estão Massini-Cagliari, Koch e Marcuschi. Mas, além desses estudos houve outros que se desenvolveram relacionados aos textos falados, especialmente contemplados no interior de três projetos: NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana), Censo/Peul (Censo da Variação Lingüística do Estado do Rio de Janeiro e Programa de Estudos sobre o Uso da Língua) e PGPF (Projeto Gramática do Português Falado).

Queremos neste trabalho usufruir da contribuição que essa teoria tem dado ao nosso país e aos estudos lingüísticos, observando como seus conhecimentos foram ou não utilizados na produção de alunos do Ensino Médio que tentam ingressar em uma instituição de nível superior.

Analisaremos, como dissemos acima, os aspectos relacionados à argumentação que estão intimamente ligados ao domínio do aluno sobre a linguagem, além de observar como esse mesmo aluno é capaz ou não de articular os enunciados de modo a ter um texto coeso, coerente e capaz de conseguir a adesão do interlocutor à sua tese de defesa.

1. Alguns aspectos teóricos

1.1 Argumentação e linguagem

Com o objetivo de observarmos as estratégias relacionadas à argumentação nos textos dos alunos do CUCA, escolhemos trabalhar com três autores fundamentais para a compreensão das técnicas argumentativas que contribuem para a persuasão do interlocutor, bem como para a compreensão dos operadores argumentativos, são eles: KOCH (1984) e PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA (1996).

Antes, porém, de iniciarmos nossa exposição pensamos ser importante apontar alguns aspectos do estudo realizado pelo professor e pesquisador Alcir Pécora. Ele se preocupou com a produção textual de alunos do último ano da graduação de uma instituição de ensino privado que apresentavam ainda muitos erros relacionados à interpretação e à escrita de um texto, o que mostrou como a produção desses alunos continha falhas, mesmo cursando um nível superior.

O estudo em questão foi publicado como livro sob o título de *Problemas de redação* (1999). Nele, apontam-se os resultados obtidos por um projeto intitulado “Redação II”, do qual fazem parte dez especialistas em lingüística. Cada especialista recebeu um conjunto de 60 redações de um total produzido por alunos da área de ciências médicas e biológicas, e cada um deveria escolher somente um objeto particular para analisar.

Os resultados obtidos pelos especialistas convidados não foram satisfatórios e, para expor esses resultados, destacaram-se quatro ocorrências dos principais erros: 1) problemas de constituição da oração, 2) problemas no estabelecimento da coesão textual, 3) problemas em relação à norma padrão da escrita e 4) problemas de argumentação.

O último grupo de erros, relacionado à argumentação, demonstrou a partir dos textos analisados, que os alunos aplicavam noções confusas quando estavam defendendo suas teses, além de usarem muitas frases feitas e pensamentos do senso-comum, o que não é muito aconselhável pelos professores, uma vez que revela falta de senso crítico em relação ao tema. O autor defende, porém, que os erros encontrados não dizem respeito a uma incapacidade lingüística dos alunos, mas a falhas no ensino da instituição educacional que transmite uma concepção equivocada da linguagem, já que muitas vezes esta é estudada em contextos isolados, afastando-se assim dos contextos reais de comunicação.

Com essas constatações assim colocadas, começaremos a pensar um pouco mais detidamente sobre essa habilidade tão necessária para todos, explorada não só no ambiente escolar, na forma de textos escritos, mas também nas relações sociais que estabelecemos todo o tempo. Essa habilidade é expressa principalmente pelo caráter argumentativo da linguagem que é, sobretudo, uma maneira pela qual uma pessoa se posiciona no mundo, expressa sua opinião e defende seus pontos de vista, exercendo assim, sua cidadania.

Dessa forma, pensando no trabalho da pesquisadora brasileira Ingedore Villaça Koch, queremos destacar a obra que norteará grande parte de nossa discussão teórica. Trata-se do livro *Argumentação e Linguagem*, publicado pela primeira vez em 1984.

Na apresentação do livro, feita pelo pesquisador Luís Antonio Marcuschi, há a seguinte afirmação: “É com razão, portanto, que **Linguagem e Argumentação** se autodefine como uma **macrossintaxe discursiva**, visando à análise das relações pragmáticas, ideológicas ou argumentativas **no discurso** e não ao nível frasal.” Com esta frase, Marcuschi apresenta um dos pontos fundamentais trabalhados no livro de Koch, as relações estabelecidas na produção de um enunciado argumentativo.

Para a autora, toda interação social feita por intermédio da língua caracteriza-se essencialmente pela argumentatividade, pois o homem, a todo tempo, formula juízos de valor, avalia, julga e critica fatos a sua volta. É por isso então, que a pesquisadora vai dizer que o ato de argumentar é o ato lingüístico fundamental. Para Koch a questão da argumentatividade inscrita na própria linguagem é tão importante que ela afirma que a argumentação está na base de estruturação de qualquer discurso, e conseqüentemente é por meio das articulações argumentativas que o texto vai compor os fatores básicos como a coerência e a coesão textuais.

Assim, outro tema interessante em Koch (1984), diz respeito às marcas da argumentação no texto, como por exemplo: as pressuposições, as intenções (explícitas ou não do interlocutor), os

modalizadores e os que nos interessam em particular, os operadores argumentativos. No próximo item, falaremos um pouco mais dos tipos de argumentos e dos operadores mais comuns na produção dos alunos do curso pré-vestibular que constitui nosso *corpus*.

Além desse aspecto, a autora define o que é o ato de argumentar, por meio da exposição do que já haviam dito estudiosos anteriores, especialmente do ponto de vista da “retórica”, que, aliás, afirma não ser distinta da “argumentação”, termos considerados pela autora sinônimos, uma vez que estão presentes em maior ou menor escala em qualquer discurso. A partir da leitura que faz de Perelman, que iremos explorar mais adiante, fica clara a posição de Koch (1984) sobre o que seria esse ato lingüístico fundamental. Segundo ela, o ato de argumentar seria o ato de persuadir, que procura atingir a vontade, envolve a subjetividade e busca a adesão.

No que diz respeito à construção do discurso, diferentes estudiosos dizem que o desenvolvimento da tese de adesão é de suma importância para a construção do sentido pretendido, pois é neste primeiro momento que autor do texto precisa chamar a atenção para a sua tese inicial de modo a fazer o interlocutor aderir à sua proposta. As teses de adesão inicial são importantes para a aceitação do pressuposto por meio do interlocutor, e importantes para a construção da argumentação. De acordo com o levantamento feito por Machado (2003) em sua dissertação sobre argumentação de alunos do Ensino Médio, as teses de adesão inicial mais recorrentes são:

- **Descrição/Constatação:** constatação de algum aspecto da realidade. Possui grande adesão por ser facilmente verificável, e sua verdade inegável.
- **Citação:** pode ser retirada da própria proposta de redação. É escolhida pelo aluno pelo status de verdade que confere, uma vez que foi retirada da proposta de redação.
- **Narração:** o aluno inicia seu texto contando uma pequena história, como forma de ilustrar a tese principal que pretende defender. Assemelha-se, portanto, à descrição/constatação.
- **Pergunta:** neste caso, o aluno elabora perguntas relacionadas ao tema buscando conseguir a adesão do leitor.
- **Definição:** é apresentada uma definição também no início do texto, podendo ser uma definição pessoal ou do senso-comum, relacionada ao tema.
- **Tese/Juízo de valor:** apresenta-se no começo do texto a tese que se pretende provar acompanhada de um juízo de valor relacionado ao tema. Assim como a estratégia da definição, esse procedimento não garante a adesão da tese inicial como verdade, pois o leitor pode discordar da

definição dada ou do juízo de valor explorado, que pode não corresponder necessariamente à verdade.

Assim, tentaremos demonstrar em nossa análise quais dessas teses de adesão estão presentes no texto, e verificar de que modo elas estão colaborando para a construção da argumentação.

2. Tipos de Argumentos e Operadores Argumentativos

2.1 Argumentos

Com relação aos argumentos, Koch (1984) dedica um capítulo chamado “Graus de complexidade das relações textuais”, no qual, após definir dois tipos de relações possíveis pelo encadeamento de dois enunciados, as relações lógicas ou semânticas e as paralógicas, discursivas ou pragmáticas, fala das relações argumentativas, estabelecidas entre enunciado e enunciação. A autora afirma que esse novo tipo de relação está presente em cada texto, de acordo com a intencionalidade do locutor, fato que apresenta explicações e justificativas em relação aos seus atos de enunciação anteriores.

Nesse sentido, aceitando a afirmação da estudiosa, descreveremos os principais tipos de argumentos, já apontados por PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA (1996), para posteriormente fazermos nossa análise. Um dado importante é dizer que nesse livro há uma separação dos argumentos quase-lógicos e os baseados na estrutura do real, que serão explicados logo abaixo.

Os argumentos quase-lógicos são os que se assemelham a raciocínios matemáticos, formais, a demonstrações. Mas apesar dessa característica, os argumentos quase-lógicos têm um caráter interpretativo, por isso quase-lógico. Isso fica mais claro com a seguinte citação,

A argumentação quase-lógica se apresentará de uma forma mais ou menos explícita. Ora o orador designará os raciocínios formais aos quais se refere prevalecendo-se do prestígio do pensamento lógico, ora estes constituirão apenas uma trama subjacente. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.220).

Após explicar o que significa classificar um argumento quase-lógico, os autores abordam as outras modalidades desse tipo de estrutura argumentativa como: compatibilidade e incompatibilidade, retorsão e ridículo, entre outros que iremos abordar.

O termo **incompatibilidade** na argumentação diz respeito a dois argumentos que não podem ser aceitos ao mesmo tempo, pois, se aceitarmos um, necessariamente teremos que negar o outro, ou mesmo negar ambos. Nesse sentido, o objetivo desse tipo de argumentação é mostrar que a tese combatida é incompatível com a idéia defendida. Já na **compatibilidade** dos argumentos acontece o oposto, porque as duas idéias são propostas como aceitáveis simultaneamente. Logo, ambas podem ser aceitas ou rejeitadas. Nesse tipo de raciocínio o que se observa é o valor de cada idéia apresentada, por isso os fatos comprovados têm grande valor argumentativo.

A **retorsão** é um caso de incompatibilidade no interior de um mesmo discurso. Nas palavras dos autores: “(...) é um argumento que tende a mostrar que o ato empregado para atacar uma regra é incompatível com o princípio que sustenta esse ataque.” (p.231)

Sobre a retorsão, nessa parte da obra referida uma história engraçada nos é contada para exemplificar essa técnica argumentativa. Trata-se de uma situação em que um policial, num teatro do interior de certa cidade, no momento em que o público se preparava para cantar a *Marselhesa* (hino nacional da França), sobe ao palco e anuncia que era proibido fazer tudo o que não estivesse no cartaz. Uma das pessoas presentes, contudo, pergunta ao policial se sua atitude estava no cartaz, já que subira ao palco. Com essa pequena história, vemos como a própria fala do policial infringiu o preceito que formulou, isto é, houve uma incompatibilidade no interior do mesmo discurso.

Outro tipo de argumento quase-lógico é o construído por um raciocínio ridículo. E por ridículo entende-se:

Uma afirmação é ridícula quando entra em conflito, sem justificção, com uma opinião aceita. Fica de imediato ridículo aquele que peca contra a lógica ou se engana no enunciado dos fatos, contando que não o considerem um alienado ou um ser que nenhum ato pode desqualificar, por não gozar do menor crédito.
(PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.233/234)

Nesse tipo de raciocínio aceita-se momentaneamente a tese oposta, apresentam-se suas conseqüências para, em seguida, apontar as incompatibilidades desse raciocínio com a tese defendida. Seguindo esse raciocínio chegar-se-á a conclusões consideradas absurdas ou inaceitáveis, colaborando assim para a defesa da tese que está sendo sustentada.

A **definição** também é uma técnica bastante utilizada pela argumentação. Em Perelman e Tyteca (1996), a definição é tida como um “processo característico de identificação completa”, o que significa dizer que proporciona uma identificação completa daquele que define com o objeto definido. Esse recurso pode estar expresso no texto por meio das marcas remissivas referenciais, relacionadas à coesão do texto, estudadas por Koch (2005). Segundo a autora, ocorre uma “ativação

parcial” da referência por meio das definições, sendo importante destacarmos que a argumentatividade está justamente na escolha das palavras que vão retomar o objeto da definição.

Outro recurso importante é a **regra de justiça**. Segundo os autores “A regra de justiça reconhece o valor argumentativo daquilo a que um de nós chamou justiça formal, segundo a qual os seres de uma mesma categoria essencial devem ser tratados do mesmo modo.” (idem, p.248)

Passaremos agora aos argumentos baseados na estrutura do real. Podemos dizer que esta categoria de argumentos, ao contrário do que acontecia com os argumentos quase-lógicos, não lida com dados lógicos e matemáticos. A aproximação se dá pela relação dos valores já admitidos pelo interlocutor com outros ainda não admitidos por este. Desse modo, esse tipo de argumento baseia-se nos pontos-de-vista dos interlocutores, e não em raciocínios de dedução matemática, tendo, portanto, um caráter pessoal.

O raciocínio de **causa e consequência**, por sua vez, é interessante de ser apontado por nós, pois é facilmente encontrado nas redações dissertativas, como foi comprovado pela dissertação de mestrado já citada. De acordo com Perelman e Tyteca (1996), o raciocínio de causa e consequência é aquele que possui três possibilidades argumentativas: procura relacionar dois acontecimentos sucessivos, estabelecendo entre eles uma relação de causa e consequência; a partir de um acontecimento dado descobrir a causa que pode tê-lo determinado, ou a partir de um acontecimento dado, evidenciar uma consequência dela resultante.

Nesse sentido, Machado (2003) a partir das verificações realizadas em seu trabalho, concluiu que há algumas ressalvas quanto ao uso desse tipo de argumento, pois alguns alunos cometiam erros de raciocínio, as falácias, porque nem sempre é possível estabelecer entre dois fatos sucessivos relação de causa e consequência, segundo ele, as superstições são exemplos disso.

Outro argumento representativo dessa categoria é o **argumento por autoridade**, também citado por Koch (1984). O argumento por autoridade é considerado como tal por ter sido proferido por alguém considerado “especialista” no tema. Assim, esse tipo de raciocínio está mais baseado em elementos de origem moral do que propriamente racional, já que se apóia na confiança que a pessoa citada transmite. A estudiosa diz ainda que os provérbios, máximas, ditos populares, expressões consagradas pelo uso podem ser considerado tipos de argumentação por autoridade.

O **exemplo** é também bastante utilizado e pode assumir dois papéis argumentativos. O primeiro é pelo seu valor indutivo, porque de vários exemplos é possível fixar uma regra, e o segundo é pelo seu papel de reforçar uma afirmação, conferindo-lhe maior visibilidade. Alguns estudiosos chamam esse recurso de ilustração, e outros de recurso de presença, mas todos afirmam

que essa técnica possui grande valor argumentativo, pois atinge a emoção do leitor, criando maior empatia.

2.1.1 Operadores argumentativos

Os operadores argumentativos do discurso estão intimamente ligados à coesão seqüencial, uma vez que são fatores importantes para a textualidade. Temos assim, a definição de coesão: “(...) como o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também lingüísticos, formando seqüências veiculadoras de sentidos.” (KOCH, 2005, p.45)

Desse modo, a autora considera duas modalidades da coesão: coesão pela remissão e coesão pela seqüenciação. Nesse sentido, os operadores argumentativos têm nessa última modalidade, seu campo de atuação e é isso que pretendemos demonstrar com os exemplos de cada tipo de operador e, posteriormente, sua utilização juntamente com as técnicas argumentativas contribuindo para a construção do sentido do texto.

No que diz respeito à seqüenciação, Koch afirma que ela pode ser parafrástica ou frástica. No caso dos operadores, podemos classificá-los dentro do grupo da coesão seqüencial frástica, uma vez que significa um procedimento de manutenção temática, e nela encontram-se conectores de diversos tipos, todos com valor argumentativo. Esses conectores são, portanto, os operadores argumentativos, que atuam como elementos de ligação entre as frases. A seguir citaremos os exemplos retirados das redações analisadas. Eles são classificados em:

2.1.2 Operadores do tipo lógico

A) Operadores de oposição (concessão e contraste): relação de contradição e antagonismo entre as idéias contidas nas frases, nos períodos ou nos parágrafo, contrapondo assim, os argumentos. Exemplos: mas, porém, contudo, todavia, entretanto, embora, se bem que, apesar de.

- a) “**Apesar de** Alexandre já não existir mais, ainda há crenças e suas ideias, pois o índio brasileiro é visto pela sociedade como inferior. Uma vez que não acumula bens e sobrevive da subsistência”.

- b) “**No entanto**, para enfrentar os efeitos da discriminação teria que haver ações sociais e políticas, como por exemplo, política de inclusão por meio de projetos de educação cultural que busque passar a compreensão da especificidade e diversidade da cultura negra nas escolas.
- c) “Estamos na direção certa, **mas** ainda precisamos andar muito para alcançar a igualdade de direitos e oportunidades para todos.

Nessa categoria de operadores, a argumentatividade é bastante explorada. Vemos, por exemplo, que, por meio desse recurso, o aluno consegue dar maior destaque à informação que ajudará na sua argumentação. O trecho (c) é exemplo disso. Apesar de haver uma afirmação positiva “estamos na direção certa”, o aluno indica que há muita coisa para melhorar, ou seja, a partir de uma afirmação o aluno constrói uma oposição que contribui para o seu discurso a favor da igualdade de direitos e oportunidades para todos.

Recurso semelhante ocorre em (b), onde, por meio de uma estrutura que indica oposição de argumentos, o autor parece dar mais ênfase à tese defendida, apresentando, inclusive, sugestões para que sua tese fosse possível.

No exemplo (a), o aluno afirma que por mais que Alexandre já não exista, seus ideais ainda continuam em nosso meio. Nesse sentido, o operador que indica oposição entre as idéias está exercendo um papel argumentativo, pois é uma contradição que isso ainda aconteça em nossos dias.

B) Operadores de causa: indicam relação de causa entre as idéias. Introduzem, assim, uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior. Exemplos: porque, pois, uma vez que, devido a, por motivo de, por isso que.

- a) “Este tipo de discriminação passou a existir a partir da colonização da América e do continente africano pelos europeus, que implantaram uma ideia errada que os negros eram raças inferiores, **pois** eram considerados infiéis a sua religião[...]”
- b) “Se todos fossem iguais geneticamente, por exemplo, uma simples doença poderia exterminar toda a raça humana. **Por isso** a variabilidade genética é fundamental para nossa sobrevivência, do ponto de vista biológico”.

- c) “Espécie é o grau taxionômico mais específico que um ser vivo pode pertencer, **pois** agrupa seres com as características mais próximas possíveis, principalmente fisiológicas e anatômicas”.

Em todos os exemplos, constatamos o uso dos operadores de causa a fim de destacar a tese defendida, para afirmar aquilo que lhe parece fundamental. Em (b), por exemplo, a afirmação colocada antes do operador é combatida e, em seguida, há a utilização do operador causal a fim de explicar a sua tese.

No trecho (a), o aluno afirma que a causa da discriminação existir deve-se ao fato de os escravos terem sido considerados infiéis à religião dos europeus. Nesse enunciado há um forte teor argumentativo, com o posicionamento do aluno em relação a esse fato histórico que foi a escravidão.

Por fim, em (c) o operador “pois” é utilizado para explicar a causa de a espécie ser o grau taxionômico mais específico, uma vez que, por meio da explicação do motivo, o aluno consegue maior adesão do leitor à sua tese.

C) Operadores de condição: indica relação de condição entre as idéias para que o enunciado seja possível. Exemplos: caso, desde que, a menos que, a não ser que, sem que, se.

a) “**Se** for diferente já é visto com outros olhos”

b) “**Se** a maioria das pessoas gostam de uma coisa e a minoria não, elas são classificadas com as diferentes e são excluídas da sociedade, daí o preconceito”.

Em (a), a primeira frase funciona como condição para que a segunda aconteça. Assim, o operador “se” ali colocado revela a intenção argumentativa do autor do texto.

No exemplo (b), observamos uma implicação advinda do uso do operador condicional “se”. Assim, há uma afirmação que contribui para a argumentatividade desse recurso, embora seja como a reprodução do discurso do senso comum.

D) Operadores de finalidade. Podem ser: a fim de, com o propósito de, para que, com intenção de, com o fito de, com o intuito de.

a) “Devemos então, aceitar a pluralidade de identidades que compõem a humanidade, **para que** possamos crescer como pessoa”.

b) “Eles devem aprender que a religião não muda o caráter das pessoas, **para que** assim, possa haver um pouco de paz entre eles, porém, esta é uma situação muito difícil de ser revertida”.

A escolha do operador argumentativo, tanto em (a) como em (b), indica que o autor pretendia apontar para a sua tese conferindo-lhe maior ênfase. Em (a), a finalidade de se aceitar a pluralidade de identidades deve ser a possibilidade de crescer como pessoa. Em (b), o autor constrói a sua argumentação a partir de uma afirmação, de modo a mostrar o objetivo de isso acontecer. A escolha desse operador mostra que o aluno tem a sua tese bem definida, e sabe defendê-la.

E) Operadores de conclusão. Podem ser: logo, portanto, assim sendo, por isso, pois, enfim, em resumo, para tanto, afinal.

a) “**Sendo assim**, um país tão grande como o Brasil, desenvolveria-se muito mais, se ao invés de procurarmos diferenças entre nós, convergirmos para a junção de qualidades”.

b) “**Desse modo**, estar diante de uma forma cultural de viver diferente ajuda o crescimento pessoal, proporcionando conhecer o mundo e a si mesmo”.

c) “**Logo**, é produtivo o incentivo das nações quanto a troca de conhecimento entre as mesmas e o apoio da mídia fundamental, para que as visões de mundo sejam ampliadas e ilimitadas diante das questões étnicas-culturais”.

Os operadores conclusivos são usados geralmente no final do texto, para fechar as idéias que estão defendendo. Eles apontam para conclusões e reflexões acerca do tema abordado e, principalmente, retomam a tese defendida. Nos três exemplos que selecionamos, a conclusão e a intenção argumentativa ficam claras por meio do operador conclusivo escolhido para terminar seus textos: “sendo assim”, “desse modo” e “logo”.

F) Operadores de adição. São elementos que contribuem para seqüência dos enunciados, veiculando idéias de soma. Exemplos: e, nem, além disso, não só...mas também, assim como ademais, além do mais.

a) “**Ademais**, a diferença entre as culturas existentes no mundo atuam também como fonte de conhecimento próprio”.

b) “O negro vive menos, morre mais por causas violentas, estuda menos, tem dificuldades de ingressar e se manter no mercado de trabalho. **Além de** trabalhar nas ocupações menos valorizadas, ganhar salários baixos e participar da parcela economicamente mais carente da população”.

O recurso de adicionar argumentos é bastante interessante quando utilizado de maneira correta, pois mostra que há um domínio da linguagem e do conhecimento exterior ao texto, tudo isso por meio de uma boa articulação das palavras. Nos exemplos, “assim como”, “ademais” e “além de” contribuem para dar mais ênfase à tese defendida. Em (a) a adição dessa idéia contribui para dizer que a diferença entre as culturas atua como fonte de conhecimento próprio (tese). No mesmo sentido, em (b) o operador “além de” aponta para outros fatores que fazem a sua tese ser válida: as baixas condições a que o negro é submetido, que o leva a ter uma expectativa de vida menor.

G) Operadores de consequência. Podem ser: por consequência, em decorrência, de sorte que, de modo que, conseqüentemente, por isso.

a) “Há tantas pessoas vivendo em nosso país, e, **por isso** possuem características culturais diferentes, regiões do Brasil entram em conflito por julgamentos e comparações”.

Nessa frase, o operador que parece ser explicativo, de certa forma o é, aponta para uma consequência que é o conflito criado. Há aqui o posicionamento do aluno em relação à diversidade cultural. Para ele, esse é o fator que faz com que haja os julgamentos e comparações.

H) Operadores de conformidade. Exemplos: segundo, conforme, como.

a) “**Segundo** está linha de raciocínio ser paramos para pensar não somos mais as mesmas pessoas do que éramos antigamente nossos pensamentos e opiniões mudaram e iremos nos afinizar com as pessoas de acordo com nossas idéias”.

b) “As fases do jogo apresentam-se **conforme** surgem as problemáticas da vida [...]”.

Esses operadores dão continuidade a argumentos já colocados, como observamos em (a). Com o uso de “segundo” há uma maior credibilidade do argumento, porque se pressupõe que essa idéia já foi discutida anteriormente ou que foi pronunciado por alguém que tenha autoridade sobre o assunto. Já no segundo exemplo (b), o sentido é outro, pois há a relação de conformidade, não do discurso de alguém, mas no sentido de andamento do tempo. Há aqui uma argumentação implícita, pois o aluno não está afirmando que as fases do jogo apresentam-se de repente, mas sim com o passar do tempo e, conforme surgem as problemáticas da vida.

2.1.3 Operadores temporais

A) Operadores de sucessão temporal. Exemplos: enquanto, logo que, assim que, mal, depois, apenas, quando, antes que.

a) “**Enquanto** Adolfo Hitler estava no poder, grupos considerados indesejados- como os judeus, por exemplo- foram perseguidos e exterminados”.

Nesse exemplo, a utilização do operador temporal “enquanto” tem um forte caráter argumentativo e reforça a tese defendida, a de que Hitler foi responsável pela morte de muitos judeus.

B) Operadores de realce ou relevância. É um tipo especial de operador com a função bastante específica de ressaltar algum aspecto da construção frástica. Podem ser: cada vez mais, ainda mais, aliás, acima de tudo, sobretudo.

a) “A humanidade necessita de diferenças para se auto-promover e se desenvolver **cada vez mais**, propondo a nós conhecer mais a fundo culturas que diferem das que viemos, procurando respeitá-las sempre”.

A construção “cada vez mais” ressalta ainda mais a tese defendida pelo aluno, que é a de que a humanidade necessita das diferenças para se auto-promover e se desenvolver.

Observação: Nas redações que compõem nosso *corpus* não constatamos a ocorrência do operador argumentativo de proporção. Pensamos que a escolha dos operadores está ligada ao tema proposto. Nesse sentido, alguns operadores foram largamente utilizados, enquanto outros quase não apareceram. Tentaremos demonstrar essas ocorrências em nossa análise, na próxima parte deste trabalho.

3. Análise do *corpus* e justificativa

Para observar as questões destacadas sobre a argumentação, escolhemos analisar dissertações produzidas por alunos que freqüentam o curso pré-vestibular da UNESP, o CUCA, unidade de Araraquara.

Nossa escolha pelo texto desses alunos foi devido à faixa etária, pois em sua maioria os alunos que fazem o cursinho estão terminando o Ensino Médio ou já o terminaram. Assim, nosso objetivo foi constatar se, ao final do Ensino Médio os alunos eram capazes de se posicionar em um texto de forma clara, observando principalmente qual a sua força de persuasão mediante a análise das técnicas argumentativas utilizadas.

Para isso, nosso *corpus* conta com 17 redações de uma turma com 44 alunos. Esse número representa 38,6% do número total de alunos. Gostaríamos de salientar que essa quantidade não foi determinada por nós, uma vez que contávamos com situações adversas quanto à produção, pois os textos eram escritos a partir de diferentes propostas de redação. Isso acontece, porque, nas aulas de

produção textual, são os alunos que escolhem o tema sobre o qual querem escrever, de modo que o resultado é a soma de redações com diferentes temas em uma mesma sala.

Frente a essa situação optamos por analisar redações de um mesmo tema, pois pensamos que poderíamos alcançar um resultado mais significativo se pudéssemos comparar as redações entre si, que abordam o mesmo assunto, mediante a observação das técnicas empregadas ou não. Nós reunimos, assim, os textos que compõem nosso *corpus*, porque apesar de nem todos terem feito, foram produzidas em um simulado para o vestibular em que a proposta de redação do ENEM, Exame Nacional do Ensino Médio (2007), foi igual para todos os alunos.

Nesse item do nosso trabalho, vamos observar nessas 17 redações, as técnicas argumentativas empregadas, bem como os operadores argumentativos utilizados para articular as idéias. Nossa análise foi pensada de maneira a ilustrar nossos resultados, de modo que mostraremos os trechos das redações que consideramos mais significativas tanto para a constatação das técnicas, como para a comparação entre elas. Vamos separar os excertos em teses de adesão inicial, e por técnicas argumentativas empregadas.

3.1 Teses de adesão inicial

Mostraremos a seguir as teses de adesão inicial encontradas em nosso *corpus* com maior frequência. É importante dizer que nem todos os tipos estão presentes, devido talvez a um maior conhecimento que requerem. A citação e as perguntas, por exemplo, quase não foram utilizadas, e sabemos que para um melhor aproveitamento desses recursos o aluno deve ter um bom domínio da linguagem.

- **Perguntas**

(1) *“E o que nos difere realmente? O modo de falar, sentir e agir. A cor da pele e dos olhos é só acessório. Ser diferente não é motivo para crítica, perderia-se a graça na vida se tudo fosse sempre igual.”*

No exemplo (1), a técnica da pergunta funciona a favor da argumentação pretendida, de modo que a pergunta retórica foi feita para reforçar o sentido que se deseja alcançar. Vemos que é esse o desejo do aluno que escreveu essa redação porque ele termina o período com uma frase que

expressa a sua tese: *“Ser diferente não é motivo para crítica, perderia-se a graça na vida se tudo fosse sempre igual”*.

- **Tese/juízo de valor**

(2) *“Somente quando lidamos com a diferença de pensamentos, de gostos e ideias, é que conseguimos entender o outro e, assim, construímos outras formas de viver, formas em que ideais e objetivos de vida aproximam-se, permitindo para a humanidade melhores políticas sociais e econômicas e mudanças de realidades.”*

(3) *“A intolerância cultural em um mundo de pluralidade étnica deve ser combatido.”*

(4) *“O correto seria que todos percebessem que o mundo só é realmente belo porque existem as diferenças que se expressam tanto fisicamente como mentalmente nas pessoas.”*

Em (2), (3) e (4) os alunos deixam transparecer juízos de valor em seus discursos. Verificamos isso inclusive na escolha, como por exemplo: “dever ser combatido” e “o correto seria”. Essa estratégia argumentativa tenta conseguir a adesão do leitor, mas corre o risco de não ser aceita pelo fato de refletir um tom bastante pessoal, o valor de uma pessoa. Esse recurso tem menos poder argumentativo que uma citação, por exemplo, que demonstra que a pessoa tem domínio de certo tema e não incorre em generalizações.

- **Citação**

(5) *“Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos feita pela ONU, Organização das Nações Unidas, somos todos iguais e possuímos os mesmos direitos.”*

A citação está colocada no começo do texto e o aluno parece querer conferir maior credibilidade a seu texto. A citação indireta cria o e próprio do argumento de autoridade. Ao trazer outras vozes para seu texto, exceto no caso que transpõe a citação da própria proposta, o aluno mostra que possui outros conhecimentos e que sabe articulá-los a favor da sua tese.

- **Definição**

(6) *“O racismo é uma forma de discriminação contra os negros que sofrem dia-a-dia pela diferença de etnias”*

(7) *“Espécie é o grau taxionômico mais específico que um ser vivo pode pertencer, pois agrupa seres com as características mais próximas possíveis, principalmente fisiológicas e anatômicas.”*

Em (6) temos uma definição de caráter pessoal, que pode não significar a adesão do leitor como uma verdade, uma vez que a palavra racismo não está restrita ao povo negro. O pensamento expresso pelo aluno revela o discurso velado que circula em nossa sociedade, pois o racismo não se limita somente ao povo negro, mas se estende a outras etnias.

No trecho (7), a definição de espécie tem um papel argumentativo mais elaborado que em (6), uma vez que contribui para a sua tese de que os seres humanos são muito semelhantes, e as diferenças são desprezíveis. Vemos assim, que além de definir, o trecho (7) mostra que o aluno possui conhecimentos de outras áreas e que foi capaz de integrá-los para dar mais autoridade à sua argumentação.

- **Constatação**

(8) *“Apesar do tempo ter passado, ainda hoje vivemos em uma sociedade racial, em que muitos aceitam a ideia que negros são pessoas inferiores pela cor da pele, e assim essa ideia vai se propagando por influência social e por uma educação familiar racista e discriminatória.”*

(9) *“Nós seres humanos somos os únicos seres vivos capazes de pensar e com isso associar e conviver com as diferenças.”*

(10) *“O mundo é rico em diversidade, várias cores, sons, sentidos, desejos, formas. Mas nem todas as pessoas conseguem conviver com o diferente.”*

(11) *“No mundo há uma diversidade de culturas, religiões e povos. Cada pessoa tem o seu modo de ser, porém, não são todos que aceitam essas diferenças, com isso resultam os preconceitos e as dificuldades de convivência uns com os outros.”*

(12) *“Há tantas pessoas vivendo em nosso país, e, **por isso** possuem características culturais diferentes, regiões do Brasil entram em conflito por julgamentos e comparações. Estas são feitas de maneira preconceituosa, sem nenhum critério.”*

Em (8), a partir das constatações feitas, somos levados a um raciocínio de causa e consequência, pois o motivo dessa discriminação racial acontecer é, segundo o aluno, a influência social e uma educação familiar racista e discriminatória.

Na constatação (9) também fica implícito um raciocínio de causa e consequência, mas devemos nos atentar para o fato de que, por sermos seres pensantes, todos os humanos convivem harmonicamente uns com os outros, os fatos históricos já mostraram isso. O nazismo, por exemplo, dizia que havia uma raça pura e que somente os alemães poderiam sobreviver. Ou seja, eles usaram um raciocínio que lhes parecia lógico a fim de justificar o maior crime de intolerância de todos os tempos.

Os trechos (10) e (11) reproduzem o discurso do senso comum e as informações apresentadas são facilmente constatáveis. A partir dessas constatações os autores buscam formular uma argumentação, ainda que esta tentativa não tenha sido bem sucedida.

No trecho (12) não havia a necessidade de um operador explicativo, pois não é pelo fato de o Brasil possuir uma população com características diferentes que há um conflito entre as pessoas, mas pela diversidade genética própria do ser humano.

Observamos, assim, que a maioria das constatações feitas parte do conhecimento prévio do aluno, baseado na maioria das vezes, em um discurso do senso comum. O aluno somente faz constatações óbvias, sem posicionar-se no texto para desenvolver uma argumentação persuasiva, capaz de considerar os lados opostos de uma mesma questão. É por isso que algumas constatações nos levam a raciocínios de causa e consequência, pois o conteúdo da constatação é tomado como verdade, sem necessariamente sê-lo.

3.1.2 Técnicas argumentativas

- **Raciocínio de causa e consequência**

(13) “[...] implantaram uma ideia errada que os negros eram raças inferiores, pois eram considerados infiéis a sua religião e por terem interesses em querer maior riqueza, com o poder de dominá-los os fizeram escravos para o ganho, utilizando-os como escravos nas lavouras de café.”

(14) “**Outro fator** que levou essa separação foi a subdivisão do trabalho, na época da Revolução Industrial. A partir dessa época as pessoas passaram a não mais se importar com o outro, se relacionando apenas com seu “grupo” mais próximo, levando a convivência em sociedade quase sufocante.”

Nos dois trechos que transcrevemos, observamos que o aluno tem uma tese clara e busca explicitar os motivos que possibilitaram certos fatos. Para isso, o aluno recorre aos acontecimentos, históricos, por exemplo, mostrando por que tal idéia a ser combatida se desenvolveu.

Uma utilização interessante foi a do operador “outro fato” no número (15), usado para agregar mais argumentos à sua tese, reforçando assim, sua posição. O aluno recorre também a um dado histórico, a Revolução Industrial.

- **Argumento de Incompatibilidade**

Nesse tipo de argumento, duas idéias são propostas como inaceitáveis ao mesmo tempo, como dissemos, anteriormente. Assim, uma das duas deve ser desprezada e a outra mantida, é o que observamos em (15) onde a idéia que deve ser mantida refere-se à tese defendida.

(15) “Não há o porque de incômodos quanto as distintas culturas, religiões e crenças, já que a necessidade da igualdade como base, é essencial para que a diferença exista.

- **Argumentação pelo exemplo**

(16) *“A capacidade desenvolvida pelo homem para se adaptar as mudanças ocorridas na natureza, acabam deixando-o diferentes uns dos outros. Por exemplo, os negros possuem a pele com a cor mais acentuada devido a maior incidência de sol.”*

O excerto (16) incorre em um problema de argumentação bastante freqüente, a reprodução do discurso do senso comum, idéias clichês que aparecem a todo o tempo e são tomadas como verdade, o que empobrece o texto. Nesse caso, a falha está na explicação do motivo de o negro ter a pele mais escura. Se o argumento fosse válido, teríamos então nas regiões de grande incidência de sol, como o nordeste brasileiro, por exemplo, uma população somente negra, o que obviamente não ocorre.

(17) *“Caso comum são os nordestinos, que ao virem para o sudeste e sul, são menosprezados pelos seus costumes típicos. Estes são trabalhadores dotados de capacidade e inteligência, como qualquer ser humano.”*

Em (17), o aluno procura exemplificar o que está dizendo, e para isso cita o caso dos trabalhadores nordestinos, mas, no desejo de argumentar a favor da sua tese, acaba fazendo uma generalização, afirmando que todos os nordestinos são menosprezados quando chegam ao sudeste e sul do país. O mais interessante é notar o discurso reproduzido, que há tanto tempo, vem formando a opinião pública de que os nordestinos são mal tratados e desrespeitados nessas regiões do Brasil. Sabemos que isso ocorre de fato em alguns lugares, mas não significa que isso seja uma regra que se aplique sempre.

(18) *“Um brasileiro, por exemplo, que viaja para um país africano, absorve de lá experiências que permitem à ele perceber o que se gosta e o que não se gosta, o que é bom e o que não é. Desse modo, estar diante de uma forma cultural de viver diferente ajuda o crescimento pessoal, proporcionando conhecer o mundo e a si mesmo.”*

(19) *“Se todos fossem iguais geneticamente, por exemplo, uma simples doença poderia exterminar toda a raça humana. Por isso a variabilidade genética é fundamental para nossa sobrevivência, do ponto de vista biológico.”*

(20) *“Não são todos que conseguem aceitar as diferenças. Um exemplo que marcou a história foi o movimento nazista, que consistia em defender a superioridade da raça ariana. Enquanto Adolfo Hitler estava no poder, grupos considerados indesejados- como os judeus, por exemplo- foram perseguidos e exterminados.”*

Em (18) o aluno cita uma situação concreta como exemplo, uma viagem para um país africana, e a partir disso, indica os pontos favoráveis à sua tese, tais como as experiências que se pode adquirir por meio do contato com outras culturas.

Em (19), a técnica de se argumentar pelo exemplo parece ser mais eficiente, pois como em outros casos, o aluno lança mão de outros conhecimentos para ajudá-lo na construção argumentativa do seu texto. É clara a diferença entre este trecho e o trecho (17), principalmente porque não há a reprodução de discursos do senso comum.

Podemos dizer o mesmo do número (20), uma vez que para ilustrar casos de intolerância, o aluno retoma e cita um acontecimento histórico incontestável, que foi o nazismo. Esse exemplo também demonstra que o aluno domina o tema que está problematizando, ou pelo menos, sabe articular as informações que possui.

(21) *“A diferença nos faz aprender com o outro, os portugueses por exemplo adquiriram a cultura do banho diário com os indígenas. Os calendários pré-colombianos foram usados para acertar o calendário cristão. Uma cultura completa a outra.”*

(22) *“O bullying é um exemplo da problemática existente entre os grupos, pois a vítima possui características as quais os agressores consideram irregulares. Como consequência a vítima de bullying passa a se reprimir e a não se relacionar harmonicamente com grupo algum por opção própria, para se proteger das agressões que possa sofrer.”*

(23) *“E muito preconceito é visto nos dias de hoje, como por exemplo, a homofobia, em que pessoas por terem opção sexual diferente, sofrem agressões verbais e até físicas. Outro exemplo é a xenofobia, o preconceito aos estrangeiros, que acontece muito. Em todos os países, seja por rivalidade ou por preconceito a etnias.”*

Nestes três últimos exemplos, o aluno usa situações cotidianas para tentar convencer seu interlocutor, eles citam: bullying, conhecimento adquirido pelos europeus depois do contato com outros povos, e também falam sobre a homofobia. Essas situações estão presentes na vida de quase todos, ou pelo menos, estamos interados dessas situações, exceto a citada no trecho (21) que foi um exemplo específico. Pela escolha desses exemplos é que vemos a força argumentativa do enunciado.

É importante notarmos, por fim, que em quase todos os exemplos os alunos estabeleceram relações de causa e consequência a partir dos exemplos mencionados. Como dissemos, essa é uma técnica que procura formular uma regra a fim de justificar a tese defendida. Os alunos mostram que a sua idéia está correta, buscando em outros contextos, idéias para reforçar a sua tese inicial.

- **Regra de justiça**

Como dissemos em nossa fundamentação teórica: “a regra de justiça requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são integrados numa mesma categoria.” (1996, p.248). Desse modo, encontramos os seguintes exemplos deste tipo de argumento:

(24) *“Todos temos escolhas diferentes, pensamentos próprios, escolhas diferentes. Não somos iguais fisicamente e mentalmente, mas somos todos seres humanos, independente da cor, raça, religião.”*

(25) *“Assim sendo, é preciso superar as pequenas diferenças e entender que todos os humanos pertencem a uma mesma espécie, ou seja, são todos iguais, compartilhando os mesmos direitos e deveres.”*

(26) *“As pessoas devem aprender ter respeito com os outros, independente de suas diferenças, pois, todos são igualmente humanos.”*

Vemos que em todos os trechos selecionados, os autores refletem a regra da justiça em seu discurso, reproduzindo basicamente a mesma idéia, a de que por sermos todos seres humanos deveríamos ser tratados igualmente, com os mesmos direitos e deveres.

- **Argumentos do senso comum/ generalizações**

(27) *“O negro vive menos, morre mais por causas violentas, estuda menos, tem dificuldades de ingressar e se manter no mercado de trabalho. Além de trabalhar nas ocupações menos valorizadas, ganhar salários baixos e participar da parcela economicamente mais carente da população. Tudo isso pode trazer problemas para a sociedade como crime.”*

Esse argumento não nos parece válido, uma vez que há uma generalização perigosa nos enunciados que o utilizam. O aumento do crime não está relacionado necessariamente às questões apontadas pelo aluno. Ao contrário do que se observa em (27), uma pessoa que não é negra, que sempre gozou de uma vida tranqüila e confortável pode se envolver no crime, assim como uma pessoa negra com todas as características desfavoráveis apontadas pode manter-se longe da criminalidade.

(28) *“o índio brasileiro é visto pela sociedade como inferior. Uma vez que não acumula bens e sobrevive da subsistência. Por outro lado é visto como respeitoso ao meio ambiente e sustentável, retomando a ideia de Alexandre de encanto, mas de supremacia da cultura dominante.”*

Em (28), a idéia de que o índio não cumula bens está carregada de um discurso construído historicamente, e que ainda apresenta traços de uma visão idealizada desses povos, o que favorece a generalização e a propagação das idéias do senso comum, este enunciado deveria ser evitado em um texto dissertativo, assim como em qualquer outra situação.

Devemos lembrar que o modo de produção dos europeus tinha uma lógica totalmente diferente do modo de vida dos índios. O conceito de lucro e de acumulação de bens não se aplica aos índios; é um olhar eurocêntrico para uma realidade particular, e que por isso, causou-lhes, e causa até hoje, estranhamento.

- **Analogia argumentativa por meio da comparação**

(29) *“Assim, a vida configura-se, em sentido figurado, uma espécie de jogo, onde aqueles que desenvolvem as melhores estratégias conseguem realizar a missão com sucesso. As fases do jogo apresentam-se conforme surgem as problemáticas da vida (...).”*

Nesse exemplo, o autor do texto conseguiu fazer uma aproximação que potencializa sua argumentação, técnica pouco encontrada nos textos que compõem o nosso *corpus*. O aluno faz uma analogia entre vida e jogo. Pensamos que foi uma estratégia bem sucedida porque mostrou originalidade e criatividade por parte do estudante que conseguiu se diferenciar da maioria dos outros textos analisados.

4. CONCLUSÃO

Mediante a observação das questões relacionadas à argumentação nos textos produzidos por alunos do cursinho pré-vestibular ligado à UNESP, na cidade de Araraquara, pudemos observar que ainda devemos trabalhar mais os aspectos relacionados à argumentação. Como explicitamos por meio das leituras teóricas apontadas no primeiro item deste trabalho, a argumentação é intrínseca à própria língua e está presente em todas as relações que estabelecemos com o outro, portanto, é uma habilidade necessária e fundamental a ser desenvolvida.

Desse modo, a partir dos resultados obtidos, constatamos que grande parte dos alunos não desenvolve a sua tese com argumentos convincentes e muitos nem ao menos conseguem desenvolver suas idéias. Encontramos um grande número de técnicas de adesão inicial, que apresenta a tese a ser desenvolvida. Mas o que deveria servir para introduzir uma tese e depois para defendê-la acaba sendo usado para colocar idéias confusas, generalizações, o que desde o começo, já prejudica a estrutura do texto.

Quanto aos operadores argumentativos, como demonstramos na primeira parte do trabalho, os alunos conhecem e usam esses operadores. Há alguns que são bastante recorrentes, como: adição, oposição e conclusão.

Apesar do uso desses elementos, mais da metade das redações não foram bem sucedidas quando deveriam continuar desenvolvendo as suas idéias. O que muitos faziam era começar a redação com uma constatação, mas não tinham poder argumentativo para explicar o que queriam dizer. Assim, o que observamos não foi um problema com a estrutura do texto dissertativo, mas

com a seleção dos argumentos e a sua articulação dentro do texto de modo a enfatizar a tese defendida.

Os argumentos mais utilizados foram o do argumento pelo exemplo. Se pensarmos em argumentos como o da incompatibilidade e de autoridade, é fácil entender o largo uso desse tipo de argumento realizado pelos alunos, pois sabemos que esta é uma construção mais simples, não demanda um conhecimento muito aprofundado do tema, como o argumento de autoridade e incompatibilidade, que, para contestar o outro, é preciso estar seguro das afirmações feitas.

5. REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 9ª Ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. 20ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Argumentação e linguagem**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MACHADO, Marcelo D'Aurea. **A argumentação dos alunos egressos do ensino médio- Um estudo das redações da prova do ENEM** (dissertação de mestrado). Araraquara, 2003.

PÉCORA, A. **Problemas de redação**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

PERELMAN, C. & OLBRECHTES-TYTECA L. **Tratado da argumentação**. A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.